

por que ler...

Roland Barthes?

[MARIA CLAUDIA BONADIO]

Doutora em História pela Unicamp, docente do Centro Universitário Senac e autora de *Moda e sociabilidade* – mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920 (São Paulo: Senac, 2007). Pesquisadora nas áreas de história da moda, memória, cultura e gênero.

E-mail: mariacbonadio@uol.com.br



O mito é uma fala

Naturalmente não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito, vê-los em breve. Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis porque não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma (...).

Seria portanto totalmente ilusório pretender fazer uma discriminação substancial entre objetos míticos: já que o mito é uma fala, tudo pode constituir o mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas. Uma árvore é uma árvore. Sim, sem dúvida, mas uma árvore, dita por Minou Drouet, já não é exatamente uma árvore, é uma árvore decorada, adaptada a um certo consumo, investida de complacências literárias, de revoltas, de imagens, em suma de um uso social que se acrescenta à pura matéria.



Fragmento extraído de BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1982. pp.131-132.

Roland Barthes (1915–1980) foi sem dúvida um dos teóricos mais versáteis e perspicazes do século XX. Ao longo de sua carreira, produziu uma série de livros e ensaios que, em sua maioria, além de apresentarem idéias inovadoras sobre temas diversos, como fotografia, cinema ou literatura, também ficaram conhecidos em razão de sua prosa fluente e estilo agradável.

No entanto, dentre aqueles que buscam em *Sistema da moda* (1967) aporte teórico para o estudo do tema, a experiência não costuma ser tão prazerosa, e o livro quase sempre é abandonado – até mesmo pelos leitores mais esforçados – logo nas primeiras páginas. Escrito por Roland Barthes entre 1957 e 1963, esse trabalho tinha por principal objetivo “estabelecer a semiologia como ciência”^[1], o que acabou gerando um texto árido, truncado pelo excesso de esquemas gráficos e carregado de conceituações. Mesmo entre os especialistas da semiologia barthesiana, a obra não faz furor e é comumente classificada como um trabalho menor.

Diante de tantos senões, afinal, por que ler Roland Barthes?

Para compreender as principais contribuições do pensamento de Barthes ao estudo analítico da moda, é preciso inicialmente observar a quase total paralisação da produção acadêmica sobre o tema em meados do século XX. Ao longo do século XIX e início do XX, a moda, ainda que timidamente, tornou-se objeto de estudo das ciências humanas e em especial da Sociologia, História e Psicologia, porém, no pós-guerra, mesmo diante do crescimento da sociedade de consumo, a moda não parecia um objeto digno de análise.^[2]

As contribuições desse autor para o estudo da moda são inúmeras^[3], mas aqui pretendo chamar a atenção para dois pontos em especial: a preocupação em analisar as falas ou os discursos (textuais, orais ou imagéticos) sobre moda e a aproximação de suas análises sobre os “objetos” como aquela desenvolvida pelos historiadores do consumo e da cultura material a partir dos anos 1990.

Voltemos então ao *Sistema da moda*. Apesar de seu caráter hermético, o livro não pode ser desprezado, pois ao postular a existência de três níveis de vestuário, ou seja, o *vestuário real* (a roupa propriamente dita), o *vestuário-imagem* (a roupa mostrada numa fotografia ou ilustração) e o *vestuário-escrito* (a descrição de um vestido numa revista ou jornal), Barthes chama a atenção para as significações e valores imputados pela mídia impressa aos objetos, no caso, o vestuário.^[4]

Nos dias de hoje, as proposições de Roland Barthes podem parecer óbvias, mas nos anos 1960, a elevação dos discursos sobre moda a objeto de estudo acadêmico era sem dúvida uma novidade, pois, até aquele momento, a questão não havia sido colocada e as análises a respeito do tema focavam especialmente os usos, valores, permanências e mudanças do vestuário propriamente dito.

Não é exagero dizer que suas proposições possibilitam a abertura de caminhos para o estudo daquilo que podemos chamar comunicação de moda, seus veículos, suportes e agentes. Em outras palavras, daqueles elementos que ajudam a criar a dinâmica desse campo através das significações que imputam aos objetos e marcas, no caso publicidade, fotografia, desfiles, mídia impressa, e por que não etiquetas, embalagens, enfim, entre outros elementos que colaboram para constituir as mitologias da moda e conseqüentemente gerar o desejo de consumo, ou agregar valor a uma marca ou peça de roupa^[5].

Apesar da indubitável colaboração de *Sistema da moda* para a ampliação dos horizontes do estudo da moda e indumentária, a leitura desse texto é de fato sofrível. A boa notícia é que os interessados no tema não precisam ater-se a esse livro para a compreensão da semiologia de Barthes (ou, pelo menos, não precisam começar por ele), pois entre 1957 e 1967 esse autor publicou uma série de pequenos artigos nos quais esmiuça, em uma linguagem mais acessível, os principais pressupostos teóricos expostos no livro. Alguns desses textos são *Linguagem e vestuário* e, em especial, *Neste ano o azul está na moda*.^[6] Outra boa leitura introdutória à semiologia barthesiana e muito útil ao estudo da moda é *Mitologias* (1957), uma de suas obras mais prestigiadas, que propõe, em linhas gerais, analisar por meio da semiologia os significados propostos pela comunicação de massa aos objetos.

Outra característica importante levantada por Barthes em seus estudos sobre a moda é seu olhar interdisciplinar sobre o tema, pois, ainda que em *Sistema da moda* ele procure esquadriñar à exaustão os discursos a respeito do vestuário, nos ensaios acima citados o autor, intuitivamente, coloca a moda em diálogo com várias disciplinas como a História, a Psicologia e a Sociologia, que possibilitam sua melhor compreensão. A constatação é quase “premonitória”, pois a interdisciplinaridade passou a ser característica comum à grade disciplinar de grande

parte dos bacharelados e cursos de pós-graduação em moda, a partir do fim dos anos 1980, que ganhariam espaço e se tornariam cada vez mais populares na década seguinte, bem como grande parte da produção acadêmica sobre o tema.

Além de chamar a atenção sobre os sentidos veiculados pela cultura de massa sobre os objetos e suas representações, Barthes também observou (de forma bastante original para o seu tempo) a importância da sobreposição do significado sobre a materialidade dos artefatos nas sociedades industriais, como, por exemplo, a valorização da bijuteria a partir dos anos 1920.

(...) muitas vezes barata, vendida em simples 'butiques', e não mais nos templos da joalheria, feita de material variado, de inspiração livre (não raro até exótica), enfim *depreciada* (no sentido próprio) em seu ser físico, a bijuteria mais modesta continua sendo o elemento vital de uma toailete, porque assinala a sua vontade de ordem, de composição, de inteligência (...) a bijuteria *reina* sobre o vestuário não porque seja absolutamente preciosa, mas porque concorre de modo decisivo para fazê-lo significar: Precioso agora é o *sentido* de um estilo, e esse sentido não depende mais de um elemento, mas da relação entre os elementos (...).^[7]

Por fim, observo que as análises de Roland Barthes a respeito da produção de sentidos sobre os objetos acabam também – e certamente de forma intuitiva – por abrir caminho para o estudo da indumentária, seus usos e consumos através de um novo viés, bastante próximo daquilo que, 40 anos mais tarde, o historiador Daniel Roche denominaria de "coisas banais", ou a história das pequenas coisas que compõem nosso cotidiano e que têm por objetivo a compreensão da íntima relação entre materialidade, valor econômico e valor simbólico.^[8]

Notas

^[1] SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. *Lição crítica* – Roland Barthes e a semiologia do impasse. *Alea*, jan./jun. 2005, vol. 7, nº 1, p. 66. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517106X2005000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov 2007.

^[2] Exceção é a tese de doutorado de Gilda de Mello e Souza, *A moda no século XIX*, defendida no departamento de Sociologia da USP em 1950. Sabe-se, entretanto, que o trabalho não foi bem recebido pela academia naquele momento, tendo sido classificado de "coisas de mulher", e só ganhou maior visibilidade 37 anos mais tarde, quando finalmente foi publicado (sob o título *O espírito das roupas*) por uma editora comercial (Companhia das Letras). Vale destacar que curiosamente essa edição chegou ao mercado em 1987, ano da abertura do 1º curso de bacharelado em moda no país, oferecido pela Faculdade Santa Marcelina. Para saber mais sobre a recepção desse trabalho na época de sua elaboração, ver: PONTES, Heloísa. *Modas e modos* – uma leitura enviesada e *O espírito das roupas*. In: *Cadernos Pagu*, nº 22, 2004. pp. 13–46.

^[3] Exemplo do enunciado são as críticas que profere sobre a historiografia da moda no ensaio *História e sociologia do vestuário* (BARTHES, Roland. *Inéditos*, vol. 3 – imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 257–269), bastante úteis para a compreensão crítica da história da moda.

^[4] Para maiores detalhes a respeito das classificações propostas por Barthes, ver: BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. Lisboa: Edições 70, sd. pp. 15–18.

^[5] Para Barthes, "o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem (...) um modo de significação", que não deriva da natureza das coisas, pois é artificialmente constituído. Cf: BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1982. pp. 131–132.

^[6] Tais artigos foram recentemente traduzidos e reunidos na coletânea: BARTHES, Roland. *Inéditos*, vol. 3 – imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

^[7] BARTHES, Roland. *Inéditos*, vol. 3 – imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 342.

^[8] Para saber mais: ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Lisboa: Teorema, 1998.